

FAMÍLIAS, FRONTEIRAS E PERSONAGENS NO ROMANCE NATURALISTA

Data de Submissão: 22/05/2023

Data de aceite: 03/07/2023

Giovana Meireles da Rosa Carlos¹

Programa de Pós-Graduação em História
da UFSM
Santa Maria, RS
<http://lattes.cnpq.br/9718169015430297>

RESUMO: Neste capítulo abordaremos os conceitos de famílias, fronteiras e personagens a partir do romance naturalista 'O Cortiço' (1890) de Aluísio de Azevedo. Nosso objetivo é explorar as interlocuções entre os três conceitos através da análise das personagens e suas trajetórias na narrativa. A metodologia envolve a história social das ideias associada a alguns aspectos da teoria da narrativa, ao relacionar perfil social - perfil literário, suas possibilidades e limitações. Portanto, explora-se a relação entre história e literatura por intermédio das contradições e desafios enfrentados pelas personagens do romance azevediano.

PALAVRAS-CHAVE: Naturalismo; Rio de Janeiro; Cortiço; Personagens.

FAMILIES, BORDERS AND CHARACTERS IN THE NATURALIST NOVEL

ABSTRACT: In this chapter we will approach the concepts of families, borders and characters from the naturalist novel 'O Cortiço' (1890) by Aluísio de Azevedo. Our objective is to explore the interlocutions between the three concepts through the analysis of the characters and their trajectories in the narrative. The methodology involves the social history of ideas associated with some aspects of narrative theory, by relating social profile - literary profile and its possibilities and limitations. Therefore, the relationship between history and literature is explored through the contradictions and challenges faced by the characters in Azevedo's novel.

KEYWORDS: Naturalism; Rio de Janeiro; Tenement; Characters.

1 | FAMÍLIAS, CONCEITUANDO

Cidades não são compostas apenas por aglomerados de prédios, casas e ruas, são também as pessoas que ali

¹ Bolsista Capes/Ds e mestranda em História pelo PPGH da Universidade Federal de Santa Maria.

vivem, suas ideias sobre o mundo e seus desejos, seus trabalhos e momentos de lazer, suas oportunidades e as relações que estabelecem entre si, os conflitos de interesse e as disputas econômicas, suas organizações políticas e insatisfações, sua literatura, música e arte, dentre tantos outros aspectos.

A malha urbana cresce exponencialmente na cidade do Rio de Janeiro ao longo do século XIX, fenômeno semelhante ocorre em São Paulo. Se pudéssemos passear pela cidade antiga encontraríamos cortiços, comércios, lojas de roupas, fábricas, repartições públicas, cafeterias, teatros, jardins, feiras, praias, botequim, entre outros.

A diversificada capital do império chama atenção de estrangeiros e nacionais, por sua irreverência e monumentalidade, por sua gente e cultura. O Rio de tantas faces em que se encontra um pedaço dos Brasis em cada esquina, em cada acorde de viola, em cada aroma de cozinha. Ou, dos arquipélagos que compõem o Brasil, como escreve Luís Augusto Fischer. Um Brasil multifacetado que pode ser rastreado na Corte.

No cotidiano do cortiço azevediano mapeamos diversas relações sociais entre as personagens. Dentre elas estão as relações familiares ou de parentesco. Nesse sentido, percebe-se a formação de alguns núcleos afetivos no romance. Sintetizamos os enlaces a partir deste esquema triangular:

- Romão-Bertoleza-Zulmira;
- Jerônimo-Piedade-Rita;
- Pombinha-Leónie-pretendido de Pombinha
- Miranda-Estela-Henrique

Todos os triângulos enfrentam crises e alianças em suas dinâmicas narrativas. Começamos em ordem. Romão utiliza Bertoleza para enriquecer no comércio e com os aluguéis das 'casinhas'. Quando atinge seu objetivo é necessário descartar a escravizada. Ela não poderia mais estar ao lado de um burguês, de um investidor capitalista. Essa é a perspectiva oferecida pela personagem de João Romão, uma perspectiva excludente e utilitária.

Ao se livrar de Bertoleza o português se aproxima da família de Miranda, uma família rica que vive no sobrado ao lado do cortiço. O objetivo de Romão é pragmático, casar-se com Zulmira (filha de Estela e Miranda), frequentar os mesmos ambientes, ter acesso às mesmas mercadorias e possibilidades.

Jerônimo e Piedade são dois portugueses que buscam no Brasil melhores oportunidades de trabalho. Contudo, o português se apaixona pela sedutora Rita Baiana, símbolo de sensualidade, aroma e beleza do Brasil. Diante deste encantamento Jerônimo abandona sua esposa e filha, além de perder o posto de trabalhador ideal que antes detinha.

Pombinha é a flor do cortiço, aquela que lê as cartas para os moradores analfabetos, descrita enquanto a metáfora da beleza feminina, muitíssimo admirada e querida por todos. Sua mãe pretende que ela se case com um moço correto, que forme uma família.

Entretanto, ao se aproximar de Leónie, uma prostituta de origem francesa, a jovem desiste do matrimônio e inicia na prostituição.

Miranda e Estela mantêm um casamento de falsas aparências e interesses, sustentado pela conveniência e pelo compromisso assumido outrora. Estela trai o marido com Henrique, um jovem estudante de medicina que vive com a família de Miranda no sobrado. Miranda dribla razoavelmente bem a situação, uma vez que, a esposa lhe garante prestígio, segurança financeira e status.

O que todos esses enlaces possuem em comum? Aparentemente eles demonstram a fragilidade dos laços afetivos, a transitoriedade dos encontros amorosos em contraposição ao ideal de família. Nesse contexto, os romances fornecem detalhes importantes para a reconstrução das subjetividades, que englobam as expectativas e experiências possíveis em uma determinada época, conforme menciona Koselleck em Futuro-Passado.

O esquema acima poderia ser aumentado se olhássemos para outras narrativas do período e posteriores. Nessa lógica, a literatura brasileira oferece um repertório extenso sobre as relações familiares, amorosas, de amizade, que estão atreladas às demandas econômicas e políticas do país.

Nossa literatura está repleta de famílias estendidas como a fornulada por Azevedo, famílias negras como as debatidas por Carolina Maria de Jesus, famílias indígenas mencionadas por Ailton Krenak, famílias burguesas como as inventadas por Machado de Assis e Lispector, famílias proletárias como as de Graciliano Ramos, famílias conflituosas como as de Fagundes Telles, famílias sertanejas como as elaboradas por Guimarães Rosa.

Quando estudamos o fenômeno de constituição familiar pode-se explorar temas como casamento e sexualidade, violência e interesses econômicos, prostituição e normatização, costumes e valores, normas e rupturas, parentalidade e afeto, divertimento e lazer, entre outros temas.

Ao longo do século XIX as relações familiares, políticas e econômicas eram influenciadas pela pessoalidade do poder na monarquia, fenômeno no qual a troca de favores, a fidelidade e a proteção são aspectos decisivos. Esse processo ocorria, com ainda mais força, no Rio, devido à vinda da família real portuguesa em 1808 para o Brasil, fator que transformou profundamente a estrutura do antigo porto-cidade colonial.

Com a mudança dos membros da família real e agregados a capital passou por um processo de modernização. Foram criados jardins, novas praças, bibliotecas, teatros, instituições, bancos, entre outros. Desse modo, a corte concentrava o aparato burocrático do poder monárquico, bem como inúmeras oportunidades de emprego nos setores públicos e também privados.

Com tantos atrativos o Rio permite uma relação do indivíduo com a cidade que se diferencia bastante dos sertões brasileiros - da pampa meridional, da região amazônica, do litoral nordestino, das lonjuras do pantanal, dentre outros. Cada região deste vasto país, por seu modo e estilo, molda as identidades dos sujeitos através dos espaços urbanos/

rurais/mistos experimentados e a concepção de temporalidade que se constrói a partir das experiências.

De uma perspectiva macro para a micro percebe-se que a família realiza um forte movimento na ontologia do ser social, na fundação do sujeito moderno. Ela forja uma identidade do 'eu' por meio de mecanismos de regulação, controle e normatização de corpos, ideias. A teia familiar compõe um horizonte a partir do qual compreendemos a sociedade e a nós mesmos.

Entretanto, ela não é a única influência diante do indivíduo em constituição, visto que, existem outras instituições, contatos e práticas que moldam o comportamento humano, influenciando-nos a agir de determinada forma, tomar certas decisões, criando possibilidades de atuação em sociedade ou/e limitando certos avanços.

Temos um exemplo interessante da lógica que rege a ideia de família a partir da opinião de Riobaldo sobre duas mulheres com as quais se relaciona. O protagonista de Grande Sertão Veredas diferencia as mulheres para se ter uma prole/casamento e mulheres para ter apenas relações sexuais. Nhorinhá, a personagem feminina, representa a mulher para se relacionar sexualmente:

Nhorinhá tem ao seu lado direito Otacília, a santa familiar da casa-grande, mais bem preparada para as bodas oficiais e a prole do que para o amor sexual, como funções distintas para mulheres de diferentes extratos sociais. Aqui, não se inova em nada com relação às práticas tradicionais brasileiras, como Riobaldo deixa claro ao pôr as duas lado a lado. (RONCARI, 2004, I, 2229)²

A 'santa familiar' mencionada é um dos pilares da ideia de família ao longo do século XIX e XX. Está vinculado ao matrimônio e ao amor idealizado. A ela caberá, segundo as concepções culturais do contexto, a organização do lar, o cuidado com os filhos e com o marido, bem como o zelo pela moralidade familiar. A personagem de Riobaldo reproduz, na ficção, os valores da sociedade de seu tempo.

Por outro lado, há sujeitos que se formam distantes do eixo familiar originário, estabelecendo outros laços sociais. Há aqueles que rompem com a suposta homogeneidade do núcleo familiar paternalista. Este é o caso de Riobaldo. Sobre este aspecto diferencial Roncari menciona:

O que significava que Diadorim já estava pronta e destinada: ela recebia do pai a linhagem e a herança de que carecia Riobaldo, que estava ainda por se fazer. Ele só tinha carências e a necessidade de superá-las: a sua origem, 'escuro nascimento', que não lhe dava raízes familiares nem sobrenomes, só o conhecemos pelo nome e apelidos; o destino comum e nômade reservado aos homens pobres; a dependência da proteção de padrinhos; a ausência de modelo paterno, que lhe transmitisse a autoridade, capacidade de decisão e de mando para a realização da sua ambição de chefia; a sua condição, que o levava a procurar a mudança de classe pelo casamento; além da falta de coragem. É o próprio Riobaldo que descreve a sua condição de mediania [...]

2 '1': refere-se à posição/localização da citação no Kindle-Amazon.

2 | CIDADES, METRÓPOLES, MODERNIZAÇÃO

As fronteiras nas cidades orientam as dinâmicas das relações sociais, limitando ou expandindo as possibilidades. Há fronteiras espaciais estabelecidas a partir do tipo de moradia, do tipo de trabalho, do tipo de vestimenta, do estilo da oralidade, do acesso à educação. Tais fronteiras estão alicerçadas em preconceções reforçadas pela cultura hegemônica. Conforme aponta o historiador Chalhoub, este processo também pode ser chamado de modernização excludente.

Em São Paulo há a elaboração do código de posturas do município de 1886 em que se proíbe a construção de cortiços (OLIVEIRA, 2009, p. 184). O Rio passa por um processo semelhante com os polêmicos movimentos ‘bota-abaixo’, nos quais as habitações populares eram demolidas pelo poder público sob a prerrogativa da higienização e do progresso. Sobre o ideal de progresso das elites cariocas, Miskolsci escreve:

O progresso, portanto, é um ideal de civilização futura a ser alcançada por meio da evolução humana. Seu culto por nossa elite modernizante do XIX mostra – ao mesmo tempo – a avaliação negativa sobre seu próprio povo e as esperanças nutridas no futuro, vislumbrado em um olhar dirigido à Europa, em especial à França [...] (MISKOLSCI, 2013, l. 213)³

Nessa perspectiva, as cidades passam a ser pensadas pelas autoridades públicas como monumentos, símbolos de poder e réguas do progresso de uma nação, ou, de seu retrocesso. Na lógica das elites econômicas e políticas a modernização envolve a ‘limpeza’ do centro da cidade. Aos mais empobrecidos pelo sistema de exploração e espoliação restam às margens, às periferias e morros.

A média de construção de prédios em São Paulo era a seguinte: “1840-1872 - 25 prédios ao ano / 1872-1886 - 310 prédios ao ano / 1886-1893 - 1.613 prédios ao ano.” (OLIVEIRA, 2009, p. 176). O Rio passa por um processo semelhante ao paulista na virada do século XIX-XX. Desse modo, a ocupação massiva de duas grandes metrópoles brasileiras ocorre de forma tentacular em direção ao centro com espaços vazios entre os bairros populares durante o processo inicial de modernização.

3 | FRONTEIRAS

As fronteiras culturais designam espaços de transições, alianças e contatos entre os indivíduos, entretanto, esboçam também limitações e dificuldades de acesso. Estes limites sociais, por sua vez, impossibilitam a ascensão econômica-social e a melhoria das condições materiais de vida de grandes parcelas urbanas no Brasil. Miskolsci afirma que:

Em fins do século XIX, entre as aspirações de progresso e os temores de

3 '1': Posição/localização da citação no aplicativo de leitura Kindle-Amazon.

degeneração racial, a elite brasileira nutria o desejo de criar uma "civilização nos trópicos". Esse ideal político, intelectual e econômico contribuiu para acontecimentos como a Abolição da escravatura, a Proclamação da República e, sobretudo, a consolidação de uma espécie de projeto nacional tão modernizante quanto autoritário. Nascia, assim, o sonho do Brasil como construção futura, desejo hostil ao seu passado e, fato que pretendo aprofundar, também hostil à sua população, recusada e temida como parte do que se queria superar. (MISKOLSCI, 2013 I. 193)

Nessa perspectiva, os diferentes grupos atuam a partir de certa identificação, mas também há exclusão a partir dessa demarcação de fronteiras socioculturais. A personagem Bertoleza é um exemplo de como a racialização impede o acesso aos bens de consumo, ao lazer, à instrução educacional e à alimentação básica. A escravizada é representada constantemente 'em mangas de camisa', realizando um trabalho árduo que beneficia apenas Romão.

Nesse sentido, percebe-se como o processo de racialização restringe a atuação social, política e econômica de ex-escravizados. Sobre o caso da escravidão:

No final de 1880, em uma série de artigos publicados em A Província de São Paulo sob o título "Os abolicionistas e a situação do país", o médico Luís Pereira Barreto, um dos fundadores do positivismo no Brasil, alertava os partidários da abolição da escravatura para o que descrevia como perigosa "onda negra" que despejaria na sociedade "uma horda de homens semibárbaros, sem direção, sem um alvo social" (apud Azevedo, 1987, p. 68). Três anos depois, Sílvio Romero, em seu ensaio "Joaquim Nabuco e a emancipação dos escravos" trazia ao discurso um temor latente nas elites: "o Brasil não é, não deve ser, o Haiti" (ibidem, p. 70). Emergia o espectro da sangrenta revolta em São Domingos, onde os negros se rebelaram contra a escravidão em fins do século XVIII, declararam a independência do país em 1804 e ainda colocaram em prática os princípios da Revolução Francesa, causando transtornos fatais para os senhores de escravos, suas famílias e propriedades. Na visão de muitos, nada garantia que o mesmo não se passasse no Brasil, pois aqui, como em toda América, se sucederam os quilombos, os assaltos às fazendas, as revoltas individuais ou coletivas, assim como as tentativas de grandes insurreições. (MISKOLSCI, 2013, I. 318)

Esse tipo de exclusão social acima referido assola a cidadania plena no país até a contemporaneidade. Entretanto, apesar da imensa desvantagem no jogo social não se pode supor que estes grupos marginalizados ocupem apenas papéis de submissão. Michel Foucault nos alerta para a concepção de que o poder circula entre diversos grupos, de distintos modos, com intensidades múltiplas.

O suicídio de Bertoleza, após descobrir que seu companheiro falsificara sua carta de alforria, pode ser interpretado como um ato de rebeldia, de protesto contra o sistema que a escravizara, de autonomia trágica diante da opressão. Nessa lógica, entende-se que há soberanias sobrepostas no romance, disputas nunca encerradas no campo do devir histórico brasileiro, marcadas pelos múltiplos legados da escravização nos trópicos.

4 | PERSONAGENS

A narrativa de Azevedo apresenta diversas personagens. A interpretação das personagens permite-nos elencar perfis sociais em diálogo com a sociedade oitocentista carioca. Nesta seção nosso foco será em descrever e analisar as personagens masculinas do romance. Sobre a composição múltipla das personagens Trentin e Seeger afirmam:

A personagem é uma unidade complexa, na qual confluem diversas camadas de sentido; ela é, simultaneamente, um ser ficcional, um artefato, um símbolo e uma sintoma. A personagem é um ser ficcional na medida em que apresenta certas características que a definem como habitante de um mundo representado, análogo, mas inconfundível com o mundo empírico. (SEEGER; TRENTIN, p. 19, 2022)

As personagens de um romance constituem eixos essenciais para nosso estudo, uma vez que, carregam em si os conflitos, contradições e expectativas de seu tempo. Também podem se caracterizar enquanto propostas de identidade ao leitor, modelos de conduta, balizadoras da ação de quem lê.

Ou, gerar efeitos contrários, de repulsa, condenação e desprezo. Uma personagem emblemática como Madame Bovary, de Flaubert, dividiu corações e mentes. Bovary, um ser de ficção, levava seu criador aos tribunais franceses, acusado de imoralidade por incentivar o adultério com seu romance.

Os acusadores de Flaubert/Bovary argumentavam que se o romance continuasse em circulação o resultado provável seria a “[...] possibilidade de contágio mimético.” (LACAPRA, 1982, p. 22, tradução nossa). Era preciso censurar Bovary. Por quê? O autor concorda com Bovary? Eis a questão. Nessa lógica, as autoras constroem o raciocínio - com o qual concordamos - de que é necessário:

Compreender a relação da personagem com o mundo, mais especificamente, de compreender que vínculos as personagens guardam com determinadas realidades sócio-históricas e de que modo a ficção elabora, transforma e ressignifica essas realidades. (SEEGER; TRENTIN, p. 21, 2022)

Situar as personagens historicamente consiste em um duplo movimento, por um lado, decodificar elementos de imaginação criativa do autor/autora e por outro, mergulhar nos entrelugares do perfil social - perfil literário das personagens. Nesse movimento interpretativo pode-se identificar personagens que atingem maior, mediano ou menor grau de complexidade dentro da narrativa. As autoras mencionam Capitu, famosa personagem machadiana:

Capitu torna-se uma personagem complexa pela maneira ambígua, parcial e frequentemente contraditória como o narrador a figura (ora mediante seu ressentimento de marido traído, ora mediante sua forte paixão por ela). As ações de Capitu não podem ser previstas pelo leitor - tal como ela surpreende Bentinho com uma possível traição, acaba surpreendendo também o leitor no decorrer da história. Essa categoria de personagem tende a simular as contradições da natureza humana e suas complicadas relações afetivas

e sociais. Como já se deduz desta breve análise, o tipo de narrador é fundamental para o modo de figuração da personagem. (SEEGER; TRENTIN, p. 32, 2022)

No Cortiço há algumas personagens mais exploradas pelo autor, sendo elas: Romão, Jerônimo e Miranda, na esfera masculina. Rita Baiana e Pombinha, na esfera feminina. Em o “Bom Crioulo”, outro romance naturalista bastante reconhecido, temos Aleixo e Amaro, dois marinheiros de diferentes origens que estabelecem um relacionamento bastante conturbado. Já em o “Ateneu” de Raul Pompéia há a relação de controle e regulação das masculinidades entre Sérgio - jovem estudante de uma escola de elite e Dr. Aristarco - diretor da instituição de ensino.

As personagens dos romances naturalistas permitem-nos acessar espaços privados de convívio, como o cortiço, o barco (Bom Crioulo) e a escola (O Ateneu). As pesquisadoras afirmam que o espaço privado é “[...] povoado pelas escolhas de seus moradores, naturalmente confirma preferências pessoais, comportamentos e estilos de vida.” (SEEGER; TRENTIN, p. 39, 2022).

E, elas prosseguem ao citar “[...] a casa em que um homem vive é um prolongamento deste. Descrevê-la é descrever o seu ocupante.” (SEEGER; TRENTIN apud WELLEK; WARREN, p. 39, 2022). Neste trecho percebe-se uma interlocução entre espaço e identidade, que pretendemos explorar em outra seção.

5 | JOÃO ROMÃO ENRIQUECE

Romão representa o exemplo de imigrante português que enriquece ilicitamente, tendo por objetivo inserir-se na elite da cidade. Bertoleza é uma personagem essencial na jornada do português em direção ao êxito econômico e social. Juntos eles constroem as primeiras casinhas do cortiço por meio do furto.

Ao longo da narrativa Romão passa a lucrar suficientemente bem através da pedreira, do cortiço e da venda/armazém. Com isso, Azevedo fornece um exemplo da formação de um complexo econômico em torno das habitações populares. Os/as moradores utilizam boa parte dos serviços prestados pelo português em razão da proximidade, também poderiam obter trabalho por intermédio de Romão. Resumo da ópera:

Entretanto, a rua lá fora povoava-se de um modo admirável. Construía-se mal, porém muito; surgiam chalés e casinhas da noite para o dia; subiam os aluguéis; as propriedades dobravam de valor. Montara-se uma fábrica de massas italianas e outra de velas, e os trabalhadores passavam de manhã e às Ave-Marias, e a maior parte deles ia comer à casa de pasto que João Romão arranjara aos fundos da sua venda. Abriram-se novas tavernas; nenhuma, porém, conseguia ser tão afreguesada como a dele. Nunca o seu negócio fora tão bem, nunca o finório vendera tanto; vendia mais agora, muito mais, que nos anos anteriores. Teve até de admitir caixeiros. As mercadorias não lhe paravam nas prateleiras; o balcão estava cada vez mais lustroso, mais gasto. E o dinheiro a pingar, vintém por vintém, dentro da gaveta, e a escorrer

da gaveta para a burra, aos cinquenta e aos cem mil-réis, e da burra para o banco, aos contos e aos contos. (AZEVEDO, 1890, p. 23)

A história de Romão explicita algo relevante dentro da consolidação do capitalismo financeiro no Brasil. O português tem seu enriquecimento pessoal narrado em detalhes através das lentes de um escritor com sentimentos antilusitanos latentes. O antilusitanismo era frequente em um Brasil pós-independência, uma vez que, era necessário distanciar-se da antiga metrópole para constituir um senso de nacionalidade distinto. Nas grandes cidades muitos portugueses dominavam o comércio varejista - armazéns, padarias, vendas, bares - promovendo nos brasileiros uma sensação de desfavorecimento, de usurpação.

6 | JERONIMO SE APAIXONA

Jerônimo, outro português imigrante, no começo da narrativa é o exemplo de trabalhador ideal. Acorda cedo, dorme cedo e coordena os demais trabalhadores na pedreira de Romão. Corrige os medianos, parabeniza os bons. Entretanto, no decorrer da história o temperamento do português se modifica em decorrência do contato apaixonante com Rita Baiana.

Jerônimo também representa o ideal de um homem de família. Casado, pai, responsável e provedor. Azevedo escreve sobre noites em que Jerônimo tocava em seu violão as modinhas de sua terra natal, nostálgico e absorto pelas saudades de Portugal no dedilhar das cordas. Acompanhado de Piedade - sua esposa - formando um casal típico, harmonioso.

Contudo, ao conhecer Rita Baiana o imigrante inicia seu processo de transformação cultural. Quando Jerônimo se apaixona por Rita, gradualmente, abandona os costumes portugueses mais tradicionais, torna-se desleixado com a esposa e inclina-se totalmente à paixão.

Candido afirma que a personagem 'abrasileirou-se' aos olhos do narrador, uma vez que, seus hábitos, pensamentos e comportamentos passam por modificações significativas. Azevedo menciona o costume de tomar café quente, consumo excessivo de álcool, da utilização da mandioca na culinária como características genuinamente brasileiras. Também se refere aos banhos diários, conversas com amigos até altas horas da noite. Todas essas mudanças ocorrem sob influência da baiana, tendo por objetivo conquistá-la, inserir-se em sua realidade.

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo estabelecemos algumas relações entre os conceitos de famílias, fronteiras e personagens no romance naturalista. Desse modo, as contradições e possibilidades das personagens literárias estabelecem uma relação dialógica com o mundo social que as produz. Seus espaços de experiências forjam o conceito central de

'cortiço' em Azevedo, seus horizontes de expectativas apontam para os usos políticos da linguagem, conforme escreve Koselleck.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, A. **O Cortiço**. E-book, São Paulo: Panda Books, 1ª ed, (1890), 2017.

OLIVEIRA, M. Uma Senhora na Rua do Imperador. In: **Brasil Imperial (volume III) 1870-1889**. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2009.

LACAPRA, D. **Madame Bovary on Trial**. Kindle Edition, Cornell University Press, New York, 1982.

MISKOLCI, R. **O Desejo da Nação: Masculinidade e Branquitude no Brasil de Fins do XIX**. Annablume, São Paulo, 2013.

RONCARI, L. **O Brasil de Rosa: Mito e História no Universo Rosiano**. Editora Unesp, São Paulo, 2004.

SEEGER, G; TRENTIN, R. **A Personagem na Narrativa Literária**. Editora UFSM, Santa Maria, 2022.

KOSELLECK, R. **Futuro-Passado: Contribuição à Semântica dos Tempos Históricos**. Ed Contraponto; PUC-Rio Rio de Janeiro, 2006.